



CARTILHA DA
ASSEMBLEIA POPULAR

PARA DEBATER A CRISE







EXPEDIENTE

A Cartilha **“Para debater a crise”**, foi construída para os movimentos sociais que integram várias articulações nacionais, como a Assembleia Popular, Coordenação dos Movimentos Sociais - CMP, Via Campesina e movimentos articulados na campanha da ALBA.

Diagramação: Secretaria Nacional do MST
Capa: Foto de Jesus Carlos / Imagemlatina

Pedidos
Secretaria Operativa Nacional
Assembléia Popular

Rua da Abolição, 277/2º andar - (11) 3104 6746 / 3112.1524
01319-010 - São Paulo - SP

assembleiapopular@terra.com.br
<http://www.assembleiapopular.com.br/>

1ª edição - março de 2009

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Apresentação | 05 |
| I - A forma do capitalismo funcionar | 09 |
| II - A natureza da atual crise | 13 |
| III - As saídas clássicas dos capitalistas para a crise | 20 |
| IV -As consequências da crise para a economia brasileira | 27 |
| V - Consequências da crise para a classe trabalhadora | 32 |
| VI - Propostas populares para enfrentar a crise | 36 |
| VII - Desafios e encaminhamentos | 46 |
| - Anexos..... | 49 |
| - Filmes, livros e cartilhas que podem ajudar a entender e a debater a crise | 54 |



APRESENTAÇÃO

PRECISAMOS URGENTEMENTE REALIZAR UM MUTIRÃO NACIONAL PARA DEBATER A CRISE

Estamos entregando-lhes uma pequena cartilha que reúne alguns subsídios para entender o que está acontecendo no sistema capitalista mundial e aqui no Brasil.

Esses subsídios foram recolhidos de inúmeras contribuições: de textos acadêmicos, artigos de jornais, ensaios mais elaborados, palestras de especialistas e, sobretudo, do debate que temos feito nas instâncias de nossos movimentos e em articulações internacionais, como as reuniões dos movimentos sociais da ALBA, da Assembléia Mundial dos movimentos sociais durante o Fórum Social Mundial etc.

Portanto, esta cartilha tem uma autoria coletiva. Ela é fruto dessas reflexões. E não poderia ser diferente.

Ela pretende ser um subsídio para estimular o debate e a reflexão sobre a natureza e a gravidade da crise que estamos enfrentando. Evidentemente que não é completa, e nem pretende abarcar toda e a profundidade e gravidade da crise. Quer ser apenas um subsídio, que certamente será complementado por muitos outros.

Esperamos que ela motive o debate entre a militância e as instâncias de nossos movimentos, pastorais e todos os espaços de reunião de nosso povo. E motive também a prepararmos outros materiais mais didáticos, pedagógicos, destinados a nossa base social. Ela é uma cartilha para a militância, e por isso será necessário, que nos estados, na nossa base, consigamos produzir outros materiais mais simples, mas didáticos que consigam dialogar e explicar para as massas, o que está acontecendo.

Daí a importância de preparar artigos em nossos jornais, suplementos, boletins, panfletos, pichações, cartazes, programas de rádio etc. Todas as formas de comunicação de massa agora são mais do que importantes, são necessárias.



E oxalá, consigamos produzir novas cartilhas para a militância e seguir como uma espécie de cadernos de debates.

Todos os estudos e análises nos indicam que a crise será profunda, internacional e prolongada. Portanto, teremos muito trabalho e um longo período de disputa pela frente.

Queremos chamar a atenção para alguns aspectos fundamentais desse debate:

1- Nossa geração está vivendo um período histórico que representa a mais grave crise vivida pelo sistema capitalista da história. Tivemos uma grande crise no final do século 19, que resultou na Comuna de Paris, guerras na Europa e um movimento de independência das colônias na periferia do sistema. Depois tivemos a grave crise de 1929-1945, que resultou na Segunda Guerra Mundial, na adoção do nazifascismo pelos capitalistas para enganar as massas, mas também resultaram em muitas revoluções sociais, em todo o mundo. Algumas derrotadas e outras vitoriosas.

E agora estamos vivendo a terceira maior crise do sistema capitalista.

Portanto, é um período muito especial e grave. Dessa crise pode surgir um capitalismo renovado, ainda mais explorador e excludente, como nos adverte Istvan Mészáros, que resultaria numa verdadeira barbárie para as amplas massas empobrecidas. Ou vai resultar num longo período de ajustes em que a humanidade possa dar saltos de organização e superar as perversidades capitalistas.

2- A natureza da atual crise não é apenas do modo capitalista de organizar a produção, mas ela está afetando os recursos naturais, o meio ambiente, com alterações climáticas graves. Afeta as condições de vida de bilhões de pessoas que hoje vivem sobretudo nas grandes cidades. E portanto tem um componente social ainda maior. É uma crise política, que desmoralizou os organismos internacionais em vigor, como a ONU, OMC, G-8, G-20 etc. E é uma crise que, segundo alguns analistas afeta os próprios paradigmas fundantes do capitalismo, relacionados com a forma de gerar falsas necessidades humanas, falsos valores de convivência (agora



fundados no egoísmo, individualismo e consumismo desnecessário)

3- Só haverá saída, com consciência, organização do povo e muita luta social.

A gravidade e profundidade da crise vai nos exigir muitas energias para podermos levar o debate para o povo. Estimular a organização e a consciência social e, sobretudo, estimular a luta social para defender os direitos sociais e impedir que a crise se abata sobre a classe trabalhadora.

Daí a necessidade de realizarmos um verdadeiro mutirão de debate, em todas as bases sociais organizadas, de todas as formas, para que possamos estimular o povo a lutar, defender seus direitos e superar essas perversidades.

Será uma longa “jornada” que certamente necessitará de anos de muita mobilização e lutas sociais.

E somente a luta social poderá alterar a correlação de forças na sociedade e provocar um novo contexto histórico, que permite às classes trabalhadoras avançarem. E, se não fizermos isso, teremos como pena o ônus de toda a crise que o capital nos jogará.

Concluindo...

Portanto, o estudo, o debate e a reflexão sobre a crise devem ser nossa prioridade absoluta. Temos uma enorme responsabilidade como militantes sociais, como dirigentes nas instâncias coletivas de nossos movimentos e nas mais diferentes formas de organização popular. Temos a responsabilidade de alertar a nossa base social e o povo em geral sobre sua gravidade.

Precisamos combinar todo o tempo: estudo, debate e organização de nossa base para realizarmos lutas sociais.

Esta cartilha tem a pretensão de ser apenas uma contribuição para que nossa militância se dê conta da gravidade do momento e da necessidade de colocarmos todas as energias sociais possíveis no enfrentamento da crise.



∞ PARA DEBATER A CRISE





Foto: Lucas Lucaz/Imagemlatina

I- A FORMA DO CAPITALISMO FUNCIONAR

Alguns conceitos importantes para compreender o funcionamento do capitalismo:

1. O capitalismo é um sistema econômico que organiza a produção dos bens necessários na sociedade, na forma de mercadorias. Os bens são sempre vendidos e comprados no mercado. E portanto as pessoas precisam ter dinheiro, ter renda, para comprar esses bens e satisfazerem suas necessidades. Quem não tem dinheiro, não tem “direito” de comprar.
2. A forma de produzir as mercadorias no capitalismo separa os que são donos das máquinas, dos prédios, das terras (os chamados capitalistas) e os que são donos da força de trabalho, os trabalhadores. Assim, as mercadorias são produzidas pelos trabalhadores. Mas na hora de vender é o capitalista que as vende. E ao vender incorpora um lucro sobre o valor da mercadoria.



- 3.** A apropriação de um “valor-a-mais”, que está presente como lucro em todas as mercadorias, faz com que os capitalistas possam ir acumulando cada vez mais riquezas. E que os trabalhadores não recebam a renda equivalente a todo valor que produziram. Daí surge uma contradição. Se produz riquezas, mas os trabalhadores não tem como adquirir essa riqueza. E em longo prazo se forma então uma espécie de superprodução de mercadorias que os capitalistas não tem para quem vender.
- 4.** Nos últimos anos, os capitalistas que ganharam mais dinheiro, acumularam mais lucro e riquezas foram aqueles que mantiveram seu capital na forma de dinheiro, ou seja, como capital financeiro. Mas o capital financeiro deveria existir apenas para financiar a produção. E dividir com a produção industrial e agrícola a taxa de lucro. À medida que esse capital financeiro passou a ganhar cada vez dinheiro separado da produção, começou a gerar uma contradição, um conflito entre os capitalistas, pois o setor produtivo não conseguia mais atender as altas taxas de lucro que o capital financeiro vinha tendo na esfera da circulação do capital, cobrando juros.
- 5.** Essa etapa do capitalismo dominado pelo capital financeiro ficou conhecida pelo rótulo de “neoliberalismo”. Ou seja, os capitalistas do capital financeiro defenderam a idéia de que, para acumularem e fazerem a economia crescer, precisavam de ampla liberdade para o capital. O capital financeiro precisa se realizar de uma forma cada vez mais rápida e livre de qualquer controle do Estado ou de leis. Assim, eles defendiam que o mercado é que deveria regular todo o funcionamento da economia. Que os governos e o Estado não deveriam se meter.
- 6.** Esse processo levou a uma grande concentração de capital, na forma de dinheiro, sob o controle dos bancos e de grandes empresas transnacionais, que passaram a operar em todo o mundo. Hoje, as 500 maiores empresas



do mundo, que controlam a produção industrial, agrícola, serviços e bancos, são donas de 52% de toda riqueza no mundo. Mas dão emprego para apenas 8% dos trabalhadores no mundo.

7. Essas grandes empresas controlaram a produção, o comércio, os serviços e a circulação de capital em todo o mundo. O capitalismo se transformou em **internacional**. Passou por cima de governos, Estados e nações. E as dez maiores empresas transnacionais do mundo têm um capital maior do que PIB (Produto Interno Bruto) de cem países, individualmente.
8. Isso tudo representou uma superacumulação de riquezas e de capital nas mãos de poucas empresas. E gerou uma crise pela falta de oportunidade de novos mercados para eles seguirem acumulando e ganhando dinheiro.
9. O capitalismo entra **em crise** num determinado período da história, quando não consegue mais ter a mesma taxa de lucro e não consegue vender a produção das mercadorias. As fábricas começam a diminuir a produção, bancos não conseguem mais cobrar juros e receber dívidas. Os consumidores não conseguem mais pagar suas dívidas e aumentar as compras. E, aí, quebram empresas, cai a produção, aumenta o desemprego e cai a taxa média de lucro.
10. Essas situações de crise são inerentes à lógica de funcionamento do capitalismo. Desde o surgimento do capitalismo sempre aconteceram. Na fase do capitalismo industrial ocorreram dois tipos de crise. Primeiro, foram as crises cíclicas, de curta duração. Eram crises que aconteciam num só país, ou num só ramo de produção e em geral duravam de três a 5 anos, até que os capitalistas se recuperassem, fizessem novos investimentos em novas áreas da produção e assim recuperassem sua taxa de lucro. Como exemplo mais recentes, tivemos crises cíclicas na década de 1970, nos Estados Unidos; na década de 1980,



no Brasil, no Japão. Depois, na década de 1990, houve a crise na Rússia e a Ásia.

- 11.** Segundo, há as crises profundas e de longa duração. Essas crises afetam todo o sistema capitalista, todos os ramos de produção e todos os países dominados pelo capitalismo. Houve uma grande crise capitalista no século XIX, por volta de 1870, que atingiu toda a Europa. Depois tivemos a grande crise de 1929 até 1945, que atingiu todo o mundo capitalista. E agora estamos entrando numa nova crise de todo o sistema capitalista, que certamente será prolongada.
- 12.** A profundidade da crise prolongada é descrita pelos economistas em três fases distintas, que podem ocorrer de forma complementar ou não:
 - a) **Situação de crise.** É quando cai a produção total do país (medida pelo PIB); cai a taxa de lucro, quebram empresas de alguns setores e aumenta significativamente o desemprego. Sobram mercadorias porque a classe trabalhadora não tem dinheiro para comprar.
 - b) **Situação de recessão.** É o período em que a produção vai caindo sucessivamente. A cada ano diminui o nível de produção. Por exemplo, a sociedade tem a capacidade instalada na indústria e na agricultura para produzir 100; com o passar dos anos de crise, cai para 90, depois para 80, e depois para 70. Ou seja, a recessão representa um aprofundamento paulatino e seqüencial da queda da produção.
 - c) **Situação de depressão.** É quando há uma queda brusca de toda a produção, por exemplo de 100 para 70. E por outro lado a renda e a capacidade de compra da população cai ainda mais. Por exemplo, para apenas 50. Isso leva à falência rápida de muitos setores produtivos. E a destruição do capital instalado.



Foto: Jesus Carlos / Imagematina

II - A NATUREZA DA ATUAL CRISE DO CAPITALISMO

A crise atual começou a aparecer no segundo semestre de 2008, na economia dos Estados Unidos, pela quebra de bancos que operavam na venda a crédito de imóveis e carros. No início alguns economistas e os governos diziam que se tratava apenas de uma crise cíclica. Atingiria apenas o setor financeiro e alguns setores da economia nos Estados Unidos. Depois, ela foi se alastrando para toda a economia estadunidense e agora atinge todos os países do mundo.

Estamos diante de uma crise profunda e de todo o sistema capitalista como foi a crise de 1929. Ela tem as seguintes características:

1. É uma crise econômica

A crise está atingindo todos os setores da produção. Começou pela queda da taxa de lucro no capital financeiro. Mas o capital financeiro é alimentado pela taxa de lucro do capital industrial e a crise se generalizou para a indústria (em especial a indústria de automóveis e da construção civil). Caiu a taxa média de lucro. Caíram as taxas de juros. Caiu



a produção média em todos os países capitalistas. E aumentaram gradativamente os custos sociais, começando pelo desemprego, pela queda dos salários e da renda dos trabalhadores.

A previsão para 2009 é que a produção mundial, medida pela soma do PIB de todos os países do mundo, caia um por cento. E, como a população segue crescendo ao redor de 2,5%, haverá aumento da pobreza média. O comércio mundial já caiu 23% entre 2008 e 2009. Há mais de 390 navios cargueiros de containers parados nos portos de todo mundo, sem ter o que carregar. O valor total do capital investido caiu 400 bilhões de dólares nos últimos meses de 2008. O fluxo de capital financeiro que vinha do Norte em aplicações financeiras aos países periféricos caiu de um trilhão de dólares para apenas 165 bilhões (nos últimos três meses de 2008).

2. É uma crise ambiental

O sistema capitalista na sanha de ter lucro fácil e rápido, passou a imprimir um processo de produção industrial e de consumo de mercadorias para atender “falsas necessidades”, que está esgotando os recursos naturais disponíveis de minérios, de energia fóssil (petróleo, carvão mineral..) dos recursos da floresta, da biodiversidade e da água potável. Ou seja, a forma de funcionar atual do capitalismo está levando a um esgotamento de todos os recursos naturais no planeta. E o seu esgotamento gera um desequilíbrio entre as diferentes formas de vida vegetal e animal. Pode levar a uma catástrofe ambiental, inviabilizando a própria vida humana no planeta. Os sinais dessa crise ambiental estão no aquecimento climático, na falta de água potável em muitas regiões do planeta, nas alterações climáticas, no degelo dos polos e nos altos índices de poluição ambiental nas grandes cidades. Todos eles causando graves danos às diversas formas de vida existentes no planeta.



O capitalismo atual organizou a economia baseada fundamentalmente na obtenção de lucro da fabricação de veículos de transporte individual: o automóvel. E isso trouxe, como contradição, que as grandes cidades se transformasse em infernos. Aumentou o aquecimento global e alterou o clima, pelo funcionamento dos motores e consumo de combustíveis de origem fóssil. E não há como mover o 1,2 bilhões de automóveis existentes no mundo com energias renováveis da agricultura. Se quiséssemos substituir apenas 10% da gasolina utilizada para mover os automóveis por combustíveis de origem vegetal, precisaríamos de uma área agrícola equivalente a três planetas para cultivar. Portanto, o problema não é apenas o combustível, é a forma de transporte individual que está inviabilizada e precisa urgentemente ser substituída por formas coletivas. A contradição é tão grande, que usamos energia para mover um automóvel que pesa mil quilos, para que ele carregue uma pessoa apenas, que pesa 80 quilos!

3. É uma crise social

Na crise de 1929, a maior parte da população mundial vivia no interior, no meio rural. Durante o século 20, o capitalismo industrial forçou as populações a irem morar em grandes cidades para consumirem suas mercadorias e explorarem sua mão-de-obra livre. Hoje, 65% da população mundial vivem nas cidades. E, em alguns países, é ainda maior, pois esse indicador mundial é influenciado pelo alto índice de população rural na China e da Índia.

Grande parte da população mundial está agora a mercê dos efeitos da crise econômica, sem ter como se proteger. Sem nenhuma alternativa econômica de sobrevivência. A falta de emprego e de renda afetam imediatamente as condições de vida das amplas massas da população urbana de uma forma muito rápida. As pessoas perdem a possibilidade de moradia digna, não tem mais condições de produzir seus alimentos e passam por muitas dificuldades.



Assim, as perspectivas das conseqüências sociais da atual crise sobre a enorme massa da população que vive nas grandes cidades são trágicas. Poderemos estar diante de verdadeiras situações de barbárie humana tal a degradação das condições de vida que podem advir, como nos adverte o grande filósofo húngaro Istvan Mésaros.

4. É uma crise política

Os capitalistas impuseram o neoliberalismo nas últimas décadas como o modo de governar do capital para garantir lucro máximo. Essa ideologia defendia que o capital precisava de liberdade total e que o Estado não deveria controlar o mercado e muito menos as formas de exploração. Com isso, os serviços públicos e o papel do Estado na economia foi reduzido ao mínimo.

A conseqüência política disso é que as instituições públicas originárias da revolução burguesa, como o poder executivo, legislativo e judiciário, caíram em descrédito. O capital passou a controlar tudo: o mercado, as leis e os meios de comunicação (que são a moderna forma de reprodução ideológica da burguesia).

Mas a contradição apareceu agora na crise. O povo não acredita mais nos políticos, instituições e governos burgueses. Portanto, está instalada também uma crise política. Os governantes burgueses não têm moral, nem representatividade popular para enfrentar a crise e impor condicionantes ao capital.

Na crise de 1929, a burguesia constituiu governos com amplo respaldo popular para enfrentar a crise econômica. Seja de corte socialdemocrático, como foram os governos de Roosevelt (nos Estados Unidos) e de Churchill-Keynes (na Inglaterra), seja de conteúdo nacionalista que redundaram no nazi-fascismo europeu.

Agora, a crise provocou a eleição de Obama nos Estados Unidos, como uma esperança, mas que, ao não apresentar saídas verdadeiras para a crise, está se desmoralizando rapidamente.



Ao mesmo tempo, a classe trabalhadora está em crise ideológica, ainda como rescaldo da queda dos países socialistas e da crise dos partidos de esquerda. Então, a classe trabalhadora não consegue, ainda, apresentar alternativas políticas de controle do Estado para sair da crise. Na crise de 1929-1945, a classe trabalhadora conseguiu ter uma política própria em vários países do mundo. Ganhou eleições, enfrentou o nazi-fascismo e o derrotou. E conseguiu até fazer revoluções sociais.

Agora, estamos com ausência total de programas que unifiquem as classes, seja entre as burguesias, totalmente dependente do capital internacional, seja da classe trabalhadora. Por isso, pressupõe-se que teremos um longo período de crise política. Ou seja, de falta de alternativas para uma verdadeira saída da crise.

5. É uma crise de paradigmas do capitalismo

5.1. O capitalismo industrial representou uma “revolução” produtiva frente ao capitalismo comercial e ao feudalismo. Aumentou em muito a produtividade do trabalho, que permitiu que os trabalhadores produzissem de forma muito mais rápida, muito mais bens, para atender as necessidades básicas da população, com menos tempo de trabalho.

Porém, com o passar dos anos, o capitalismo na sanha de ter como objetivo apenas lucro, impôs um padrão de consumo de produção de mercadorias, que é impossível ser universalizado para toda a população do planeta. Os padrões de consumo impostos pela produção industrial em termos de transporte individual, mobiliário das casas, vestuário, gasto de energia, só é possível ser alcançado por menos de 15% da população mundial.

Os Estados Unidos, por exemplo, consomem sozinhos quase 35% de toda energia do planeta. Mas isso é impossível de ser universalizado. Portanto, esta crise está evidenciando que os fundamentos consumistas do capitalismo estão em cheque. Não podem mais vigorar.



5.2. O avanço da ciência e o desenvolvimento da tecnologia moderna foi colocado apenas a serviço da taxa de lucro, e está impedindo o aumento do trabalho produtivo. Não diminuiu a exploração dos trabalhadores. Diminuiu apenas a oportunidade de trabalho. A atual fase do capitalismo colocou em crise o seu fundamento maior que é a exploração do maior número possível de força de trabalho produtivo.

Nos países periféricos e mesmo no centro, aumentam as ocupações de empregos na área de serviços, cada vez mais domésticos, que não representam trabalho produtivo, nem melhoria das condições de vida e da liberdade. Ao contrário, o aumento de número de trabalhadores serviços nas casas das famílias ricas condiciona sua liberdade, sua renda e sua dignidade. Transformam-se em “escravos-modernos”, serviços subalternos para o bem-estar de uma pequena minoria.

5.3. O terceiro paradigma colocado em risco é que o capital se internacionalizou e com isso criou um poder econômico e político supranacional, paralelo, controlado pelas 500 maiores empresas do mundo. Elas controlam o comércio, as leis, os bancos, os organismos internacionais, (como: FMI, a OMC- Organização Mundial do Comércio) a lei de patentes, as sementes transgênicas, os recursos naturais, independente de governos, dos países e dos interesses dos povos. E, com isso, trouxe como contradição: que todo o aparato jurídico de organismos internacionais entre as nações e governos construídos após a Segunda Guerra Mundial, ao redor da ONU e seus mecanismos, estão desmoralizados. As empresas tem mais poder que a ONU. Por isso acontecem as guerras locais e regionais sempre que as empresas bélicas precisam, independente das sanções da ONU, que são ridicularizadas ou manipuladas a seu favor. Somente são impostas quanto interessa ao capital, como foram os casos do Afeganistão e do Iraque. Mas nunca a favor de Cuba, da Palestina ou Kurdistão.



6. A amplitude da atual crise é:

a) **Profunda:** pois atinge de forma drástica todos os setores da economia e da sociedade, inclusive meio ambiente e os padrões de vida.

b) **Internacional:** atinge a todos os países. Atinge todo sistema produtivo do planeta regido pelas regras do capitalismo, inclusive Rússia e China. Mesmo alguns países que têm sistemas sociais mais avançados como Cuba, Noruega, Suécia, e regimes políticos mais nacionalistas, como Iran, Venezuela, estão a mercê do comportamento do mercado capitalista mundial, controlado pelas grandes empresas.

c) **Prolongada:** Por sua natureza tão ampla e complexa, todos os cientistas, pesquisadores e analistas concluem que a sua duração será longa, devendo perdurar por vários anos, até que os capitalistas renovem seu capital e consigam se recuperar, ou os trabalhadores consigam impor novas condições para proteger seus direitos, seu trabalho e sua vida.



Foto: Jesus Carlos / Imagemlátina

III - SAÍDAS PARA A CRISE QUE OS CAPITALISTAS COSTUMAM TOMAR

A literatura econômica registra em seus estudos qual é o comportamento dos capitalistas, dos governos a seu serviço e das instituições internacionais capitalistas, quando acontece uma crise, seja cíclica ou prolongada.

Pode-se resumir as seguintes medidas “clássicas” que eles tomam para sair da crise e preservar seus interesses.

1. Destruição de parte do capital superacumulado

Em todos os processos de crise, parte do capital instalado, dinheiro, títulos públicos ou privados ou máquinas precisa ser destruída. E assim abre espaço a um novo tipo de capital, a novas formas de produção e de acumulação de riqueza, e a novas tecnologias que permitam recuperar as taxas de lucro. O capital produtivo na forma das máquinas é destruído quando as fábricas



vão à falência, fecham e aquele capital desaparece. Fica inutilizado.

O capital em dinheiro se destrói, quando há desvalorização da moeda, queda da taxa de câmbio; e desvalorização de títulos, papéis, que expressam capital financeiro, mas que são facilmente destruídos quando os devedores não honram seu pagamento.

O capital é destruído também na forma de mercadorias que não conseguem mais se realizar no mercado. Lembrem-se de que, na crise de 1929, o governo Getúlio Vargas comprou todo estoque de café existente e o destruiu em alto mar.

Certamente agora muitas mercadorias perderão valor (como já está acontecendo nas bolsas de mercadorias, ou se perderão ao não se realizarem no mercado).

As empresas perderão também muito capital, com a queda do valor de suas ações nas bolsas de valores e com a queda de captação de recursos financeiros em bancos ou com poupadores. No Brasil, os jornais noticiaram que as 500 empresas que operam na bolsa de valores perderam mais de 400 bilhões de reais de seu capital. Os fundos de pensão da classe trabalhadora, que aplicavam seu capital-poupança em empresas capitalistas para auferirem parte do lucro, perderam cerca de 200 bilhões de reais, depois do início da crise.

2. A realização de guerras e conflitos bélicos

A guerra tem um poder letal de destruir fisicamente o capital. Ela destrói bens materiais, com os bombardeios de casas, fábricas, prédios, pontes, bens públicos, que depois precisam ser reconstruídos.

E destrói o “capital vivo”, a força de trabalho, ao matar milhares de pessoas, de trabalhadores!

Na crise de 1929-1945 houve a Segunda Guerra Mundial, que cumpriu esse papel. No atual contexto histórico é impossível termos uma guerra mundial, por



causa das armas atômicas que destruiriam o planeta e a vida humana. Mas eles não abandonaram essa forma de destruir o capital, e então estimulam guerras regionais. Vejam que depois da crise se intensificaram as guerras regionais, como na Palestina. O exército de Israel atacava o povo palestino em Gaza e depois fazia propaganda da eficiência de suas armas na internet, para poder aumentar a produção de armas e suas vendas a outros países. Os Estados Unidos enviaram centenas de containers com as melhores e mais modernas armas para Israel entre dezembro e janeiro de 2009.

A guerra do Iraque e do Afeganistão seguem. E com elas se consomem munição, fardas, alimentos para os soldados e armas. E se destrói todo o patrimônio de capital existente naqueles países, que depois são reconstruídos por empresas transnacionais dos “vitoriosos”. Vejam as contradições. Obama se elegeu com discurso antibélico; mal assumiu, já aumentou o número de soldados no Afeganistão em 17 mil homens e mulheres.

As ameaças à China e ao Iran feitas por setores direitistas dos Estados Unidos e de Israel e os tensionamentos provocados pelos Estados Unidos na Índia com o Paquistão, são parte da tática para que os governos aumentem seus gastos militares em todo o mundo. As únicas fábricas na Europa e nos Estados Unidos que aumentaram a produção, o emprego e também o lucro foram as do setor bélico.

3. O aumento da exploração sobre os trabalhadores em todo o mundo

Durante os períodos da crise, os capitalistas aumentam a dispensa de trabalhadores e baixam os salários. Com isso, conseguem aumentar a produtividade do trabalho e assustar a classe trabalhadora, que aceita salário menor para não perder o emprego. E assim eles repõem taxas de lucro mais elevadas para sair da crise. Eles perderam no volume de mercadorias vendidos, e repõem as taxas de lucro com aumento da exploração da mão-de-obra.



Em todos os períodos de crise pioram as condições de vida da classe trabalhadora, de sobrevivência, cai o padrão de renda e de consumo. E em geral, a família trabalhadora se obriga a trabalhar mais horas. E mais membros da família vão ao mercado de trabalho se oferecer para serem explorados. E passam a se dedicar a todo tipo de trabalho, em geral precários, no setor de serviços para tentar auferir alguma renda que lhe permitam sobreviver.

A OIT previu que nos próximos dois anos a crise deve desempregar ao redor de 50 milhões de trabalhadores apenas no setor industrial. No Brasil, de dezembro a janeiro cerca de 800 mil trabalhadores com carteira assinada perderam o emprego.

4. Maior transferência de capital dos países da periferia para o centro

Durante os períodos de crise, as empresas transnacionais usam suas empresas e filiais nos países periféricos como uma espécie de canal para transferir capital para as matrizes e países centrais do capitalismo.

O capital é transferido pelas empresas através de diversos mecanismos: remessa de lucro das filiais, subfaturamento de mercadorias exportadas a preços menores do que o custo de produção ou do preço internacional. E também reduzem os investimentos nos países periféricos e assim priorizam as contas das matrizes.

Os governos locais também colaboram com a transferência de capital para os centro, ao não impedirem a transferência que os bancos e empresas fazem. Muitos desses governos honram religiosamente o pagamento de juros da dívida interna e externa que é enviada aos bancos internacionais.

No caso brasileiro, a imprensa registrou que já foram enviados cerca de 50 bilhões de dólares em transferência de capital do Brasil para os países desenvolvidos.

E recentemente o Banco Central do Brasil anunciou de que vai usar 20 bilhões de dólares das reservas externas



do Brasil depositados no exterior para repassar a empresas brasileiras para pagarem suas dívidas em dólar no exterior.

Por isso, também, os capitalistas dessas empresas transnacionais e os governos do centro capitalista seguem defendendo o livre-comércio como forma de sair da crise. Livre-comércio significa nenhum controle do movimento do capital, em dinheiro ou em mercadorias. E, assim, eles (empresas transnacionais e governos) podem “movimentar” o capital dos países periféricos para os países do centro sem controle ou restrições.

5. O uso do Estado como gestor da poupança nacional recolhida em impostos para transferir aos capitalistas em crise

Os governos dos países periféricos e dos países centrais são motivados a usarem parte dos recursos públicos recolhidos da população na forma de impostos, ou depositados como poupança nos bancos, para serem usados pelos capitalistas. E assim, com a poupança de toda a população, sem pagar juros, eles podem reorganizar seus negócios sem custos e tentar sair da crise mais rapidamente.

Nos Estados Unidos e Europa, os jornais noticiaram que os governos destinaram vários trilhões de dólares, em poupança existente nos bancos do governo ou na forma de depósitos compulsórios, transferindo para os bancos não quebraram e para grandes empresas transnacionais, como General Motors, Ford etc.

No caso brasileiro, o governo já utilizou mais de 180 bilhões de recursos de bancos públicos para financiamento das empresas em dificuldades.

Por outro lado, parte da poupança da população depositada nos bancos, como depósitos à vista e que não recebem nada de juros, por lei é enviada ao Banco Central, como garantia para que os bancos comerciais não quebrem e deixam a população a ver navios. É o chamado depósito compulsório que os bancos comerciais fazem



no Banco Central, todos os dias, de acordo com o volume de depósitos à vista, em conta corrente da população.

Recentemente o governo brasileiro liberou parte desse depósito compulsório. Estima-se que os bancos deixaram de depositar ao redor de 100 bilhões de reais. O governo queria que eles emprestassem a juros baixos (já que não pagam nada para a população) para a indústria e assim reativassem a economia. Sabem o que os bancos fizeram? Usaram esse dinheiro para comprar títulos da dívida pública, do próprio governo, que passou a pagar a eles 13% de juros ao ano!

6. Apropriação de recursos naturais pelos grandes capitalistas

Em época de crise, os capitalistas procuram se apropriar de forma mais rápida dos recursos naturais que são públicos, como a terra, água, madeira, minérios, energia e biodiversidade, e transformá-los em mercadorias, em bens com valor de mercado.

Os recursos naturais públicos não tem valor em si enquanto não forem transformados pelo trabalho. Porém, como são bens escassos, quando transformados e colocados no mercado são mercadorias que dão um elevado retorno em taxa de lucro. Por isso, agora na crise, os capitalistas de todo o mundo aumentaram sua sanha para se apropriar das terras brasileiras, das riquezas da energia elétrica que estão presentes em nossos rios (há mais de 900 projetos de hidrelétricas no Brasil, a maioria a ser construída com capital estrangeiro), da madeira e dos minérios existentes na Amazônia. Com isso, eles transformam o capital financeiro, que está em perigo, em bens da natureza. E se preparam para, no próximo ciclo depois da crise, obterem altas taxas de lucro com nossos recursos, que deveriam estar a serviço de toda a população brasileira, como determina a Constituição brasileira. Todos os dias há notícias nos jornais brasileiros de como os



capitalistas estrangeiros estão se apoderando de nossos recursos naturais. Apenas alguns exemplos ilustrativos:

- ◆ Três empresas de celulose, com capital estrangeiro, compraram mais de um milhão de hectares de terra para monocultivo de eucalipto no Rio Grande do Sul, inclusive em área de fronteira, o que é proibido por lei.
- ◆ O Banco Opportunity gerenciado pelo Sr. Daniel Dantas, que, segundo a Polícia Federal, é apenas testa-de-ferro do Citigroup, comprou 12 fazendas com total de 600 mil hectares de terra no Sul do Pará. Vocês acham que banco precisa criar gado para ganhar dinheiro?
- ◆ A empresa Vale é a maior empresa mineradora do mundo. Exporta minérios dia e noite, sem pagar nada de imposto, já que está isenta pela Lei Kandir. 60% de suas ações pertence aos bancos e ao capital estrangeiro.
- ◆ Empresas estrangeiras compraram milhares de hectares e mais de trinta usinas de etanol para produzir álcool e exportar. Estão em construção quatro alcoodutos para transportar o combustível de cana até os principais portos brasileiros e exportar para Estados Unidos, Japão e China.

7. Mudanças no padrão tecnológico da produção industrial

Os períodos de crise são também aproveitados pelos capitalistas para introduzirem mudanças tecnológicas na forma de produzir as mercadorias. Com isso buscam aumentar a produtividade do trabalho num novo patamar e assim recompor mais rapidamente suas taxas de lucro.

Eles usam a crise para justificar as mudanças tecnológicas de todo tipo, algumas inclusive que colocam em risco a saúde dos trabalhadores, com único objetivo de aumentar a produtividade do trabalho. Em vez de desenvolver tecnologias que atendam as necessidades básicas da população ou preservem emprego, eles tem como único objetivo suas taxas de lucro.



Foto: Jesus Carlos / Imagemlatina

IV- CONSEQUÊNCIAS DA CRISE NA ECONOMIA BRASILEIRA

O capitalismo mundial está sendo hegemônico pelo capital financeiro e pelas empresas transnacionais. E nas últimas décadas, em função desse modelo, levou a que a economia brasileira ficasse ainda mais dependente do capital estrangeiro e a mercê dos interesses das grandes empresas. As 500 maiores empresas capitalistas que atuam no Brasil controlam também mais de 50% do PIB. As 50 maiores empresas que atuam no agronegócio controlam mais de 80% da produção e comércio agrícola. Um por cento dos ricos brasileiros controlam a maior parte de toda riqueza nacional. E os dez por cento mais ricos controlam, nada menos, do que **75% de toda riqueza produzida**, (segundo IPEA).

As 100 maiores empresas controlam 80% de todas as exportações do Brasil.

- **As consequências da crise sobre a economia brasileira serão trágicas**, pois os capitalistas internacionais procurarão jogar todo o peso de seus custos sobre a população brasileira. Principais consequências que teremos na economia brasileira:



1. Queda da produção industrial, agrícola e do crescimento econômico geral, medido pelo PIB;
2. Queda das exportações. Como dependemos de exportações primárias de matérias-primas agrícolas ou minerais, e os preços no mercado internacional foram rebaixados, prevê-se um deficit na balança comercial. Ou seja, vamos gastar mais na compra, na importação do que receberemos nas vendas, nas exportações (dos 20 principais produtos exportados, 18 são matérias primas);
3. Queda na taxa de investimento das empresas e do governo.

Como a economia esta muito concentrada em 500 empresas e no Estado, essas empresas vão priorizar o envio dos recursos pro exterior ou pagar suas dívidas. O governo está priorizando o pagamento dos juros. Então a consequência é que a taxa de investimento, que é medida pelo valor a ser aplicado em máquinas, sobre a produção total vai cair. No auge do milagre econômico, chegamos a investir até 30% de tudo o que era produzido. Durante o neoliberalismo essa taxa caiu para 20%; e possivelmente durante a crise, a taxa de investimento deve ficar abaixo de 20%; portanto, vai demorar ainda mais a recuperação do crescimento da produção, que esta diretamente relacionado com a taxa de investimento nos anos anteriores.

4. Desvalorização do real frente ao dólar.

Certamente o real vai continuar caindo e aumentando a taxa de câmbio. Segundo os especialistas a taxa de câmbio deveria já estar ao redor de 3,50 reais por dólar. Com isso teremos que usar mais riqueza nacional para comprar bens que vêm do exterior. E os setores exportadores vão ganhar mais dinheiro em real, por suas exportações. Mas como as exportações estão concentradas em poucas empresas, os ganhos também estarão concentrados.



5. Diminuição das remessas que os trabalhadores brasileiros no exterior faziam para suas famílias no Brasil. Esse valor chegou a atingir a 4 bilhões de dólares por ano. E agora certamente deverá diminuir muito. E muitos trabalhadores migrantes do Japão, da Europa e dos Estados Unidos já começaram a retornar afetados pela crise naqueles países.
6. Diminuição dos volumes de capital disponíveis para crédito aos consumidores de bens, e também para as empresas fazerem investimento. Cerca de 20% de todo o crédito oferecido no Brasil antes da crise era de capital financeiro estrangeiro, que vinha aqui se ocupar com altas taxas de juros. Agora, com a crise esse capital desapareceu, já caiu em 20%.



4.2. Medidas que o governo brasileiro tomou até agora para enfrentar a crise

| Principais medidas adotadas pelo governo federal na crise | |
|---|---|
| Setores | Medidas tomadas |
| Bancos | Redução do compulsório (R\$ 100 bilhões) e agilização das operações de redesconto; Autorização para o BB e a CEF adquirirem participação acionária nas instituições financeiras; Cobrança de juros pelos bancos públicos abaixo da vigente nos bancos privados |
| Exportadores | Leilões de dólares em moeda e mercado futuro (swaps) Mais R\$ 10 bi para capital de giro, pré-embarque de exportações e empréstimos-ponte Leilão de US\$ direcionado para o financiamento de ACCs |
| Agricultura | Antecipação de desembolsos BB Recursos adicionais de vários fundos (R\$ 5,0 bilhões) Aumento do crédito direcionado (exigibilidade) com compulsório (R\$ 5,5 bilhões) Aumento do direcionamento dos recursos da poupança rural para agricultura, de 65% para 70% (R\$ 2,5 bilhões) Permissão de financiamento indireto de produtores via compra de CPR de agroindústrias Linha de R\$ 500 milhões para produtores do Centro-Oeste Garantia de PREÇO MÍNIMO para a próxima safra |



| | |
|----------------------------|---|
| Indústria | Manutenção da meta de R\$ 90 bilhões do BNDES Repasse de linha de R\$ 5 bilhões do Banco Mundial para o BNDES Manutenção da TJLP em 6,25% Fundo da Marinha Mercante (mais R\$ 10 bilhões) 2ª Fase do Programa Revitaliza (R\$ 4 bilhões) Postergação do pagamento de impostos Crédito do Tesouro para o BNDES de R\$ 100 bilhões destinados a investimentos de longo prazo |
| Construção Civil | Linha de capital de giro de R\$ 3 bilhões na Caixa Econômica Federal, com recursos da poupança habitacional e garantia adicional da União Ampliação de R\$ 7 mil para R\$ 25 mil do limite de financiamento para aquisição de material de construção (por meio da CEF) Linha de financiamento imobiliário, por parte do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal, para servidores públicos da União (até R\$ 4 bilhões de cada instituição) |
| Indústria Automobilística | R\$ 4 bi do Banco do Brasil para bancos de montadoras Redução de 3% do IOF para financiamentos de motos |
| Pequenas e médias empresas | Mais R\$ 5 bi para capital de giro via Banco do Brasil |
| Finanças | Redução de IOF de 1,5% para aplicação de capital estrangeiro em renda fixa Corte no orçamento de 2009 de 10% |
| Habitação | Programa de construção de um milhão de casas populares para o período de 2008-2010. |

Fonte: Organização Fábio Bueno - Consulta Popular - DF



Foto: Jesus Carlos / Imagemlatina

V. CONSEQUÊNCIAS DA CRISE PARA A CLASSE TRABALHADORA

As consequências para a classe trabalhadora e para o povo em geral, serão muitas e nefastas. Vamos enumerar as principais:

1. Desemprego

A mais grave consequência será o aumento do desemprego. Milhares de trabalhadores perderão seus empregos, sobretudo de carteira assinada, na indústria e no setor de serviços.

2. Queda da renda

Toda classe trabalhadora terá sua renda média diminuída, seja pelos salários mais baixos, seja pelo desemprego que afetará as famílias, seja pela falta de crescimento da economia em geral.



3. O governo terá menos recursos públicos para aplicar em educação, saúde e transporte

As condições de vida da população dependem fundamentalmente dos serviços públicos que o Estado deve garantir no atendimento à saúde, construção de moradias, educação pública e transporte. Se o governo terá sua receita diminuída pela crise, se o governo continuar priorizando o empréstimo para empresas e bancos não quebraram, certamente os recursos para investimentos sociais vão diminuir.

4. Os preços dos alimentos devem subir

Os preços dos alimentos vão subir mais rápido com a crise, por vários fatores. O comércio é controlado por grandes empresas transnacionais, que controlam de forma monopólica e, por isso, vão controlar os preços para aumentar suas taxas de lucro. Muitos insumos usados pelo agronegócio são importados e dependentes do petróleo e, por isso, vão aumentar de preço. O preço do etanol segue a mesma tendência do petróleo e, portanto, seguirá subindo. Com isso sobe a taxa de lucro médio da agricultura da cana e puxa para cima todos os produtos agrícolas.

5. Os preços recebidos pelos pequenos agricultores por seus produtos vão cair

Milhares de pequenos agricultores produzem leite, aves, porcos, frutas, fumo, de forma integrada com as agroindústrias. Essas indústrias são grandes empresas que tiveram prejuízos com a crise. E elas vão repassar o prejuízo para os agricultores através dos preços pagos aos seus produtos. Ou seja, os agricultores receberão menos pelo seu trabalho embutido nos produtos vendidos para as empresas. E as empresas não baixarão o preço repassado a supermercado: ao contrário, aumentarão os preços desses mesmos produtos que vão subir ao consumidor assim eles vão recompor suas taxas de lucro, explorando nos dois lados.



6. Os capitalistas vão pressionar para mudar os direitos sociais e trabalhistas

Recentemente, o presidente da maior empresa do Brasil, a Vale, o sr. Roger Agnelli, foi muito claro, dizendo ao governo e à imprensa, que a única maneira de sair da crise seria suspender todos os direitos sociais e trabalhistas até que as empresas pudessem recuperar os lucros e os investimentos. Ele teve muita coragem. E começou a aplicar na prática. A Vale teve um lucro de 21 bilhões de reais em 2008 e mesmo assim, eles já demitiram 4.200 trabalhadores.

Isso demonstra a vontade política e as prioridades dos capitalistas.

Na mesma direção, estão no Congresso vários projetos de parlamentares a serviço das empresas, que procuram reduzir os direitos dos trabalhadores, “reduzir o custo Brasil”, como eles costumam dizer..

7. Aumento da jornada de trabalho e da intensidade do trabalho

Naquelas empresas que não desempregarem ou mesmo depois de desempregarem, vão ser aplicadas normas de trabalho para aumentar a jornada dos trabalhadores e a intensidade do trabalho dentro da fábrica.

8. Maior carga de impostos sobre os trabalhadores

Os capitalistas estão pressionando o governo para reduzir os impostos diretos sobre a renda (IOF, imposto de renda, imposto de transferência de renda para o exterior) e, assim o peso maior da arrecadação ficará nos chamados impostos indiretos, que a população paga dentro do preço do produto, que são o IPI e o ICMS.

9. Aumento das tarifas de serviços que antes eram públicos e agora são privados, como energia, transporte, água etc.

Muitos serviços públicos para a população agora estão nas mãos de empresas privadas e estrangeiras. Certamente



essas empresas vão pressionar para aumentar as tarifas de energia elétrica, água, telefone, transporte público, para recompor sua taxa de lucro. E a classe trabalhadora terá que arcar. Quando eram serviços públicos controlados pelo Estado, era mais fácil a população pressionar os governos a não aumentarem. Agora ficou mais difícil.

10. Aumento da inadimplência: os trabalhadores terão dificuldades para pagar suas dívidas.

A maior parte da classe trabalhadora, com carteira assinada, costuma comprar seus bens de consumo duráveis, como eletrodomésticos, carros, casa, a crédito. Como o crédito diminuiu e a renda também, e a taxa de juros não baixou, certamente teremos como consequência um aumento da inadimplência. As famílias não conseguirão pagar em dia seus compromissos. E com isso terão enormes dissabores com a perda de crédito, a colocação nas listas discriminatórias do SPC, Serasa etc..

Em fevereiro de 2009, o índice de inadimplência da venda de carros foi de 33% de todas as vendas anteriores. Ou seja, 33% dos compradores atrasaram o pagamento das prestações.



Último dia da ocupação, com marcha das mulheres da Via Campesina em direção a Usina da Barra em Barra Bonita no dia 11-03-09. Foto: João Zinclar. Arquivo JST/MST

VI. PROPOSTAS POPULARES PARA ENFRENTAR A CRISE

Estão em curso diversas iniciativas das diferentes forças populares para propor saídas para a crise, que defendam os interesses dos trabalhadores e do povo brasileiro em geral.

Todas são muito importantes. No entanto, nos falta ainda um programa comum, que possa unificar todas as forças populares do Brasil.

Para contribuir com esse necessário debate, apresenta-se o conjunto das principais propostas que estão sendo apresentadas:



**PROPOSTAS APRESENTADAS PELA ASSEMBLÉIA MUNDIAL DOS
MOVIMENTOS SOCIAIS, COMO MEDIDAS DE EMERGÊNCIA PARA A CRISE**

Debatidas durante a realização do Fórum Social Mundial, em janeiro/2009, em Belém, com a participação de centenas de dirigentes de movimentos sociais de todos os continentes.

1. A nacionalização dos bancos, para que os governos controlem o capital financeiro e o coloquem a serviço da produção e da população.
2. Implementação de uma nova moeda internacional. O dólar é uma moeda controlada e emitida pelo governo dos Estados Unidos e é utilizada para os Estados Unidos financiarem seu deficit comercial e de orçamento. Por isso não pode mais servir de base do intercâmbio comercial entre as nações. É preciso construir uma nova moeda internacional, que esteja sob controle de organismos internacionais e não de governos.
3. Redução da jornada de trabalho, sem redução do salário em todos países do mundo.
4. Garantir a soberania alimentar e energética para toda a população mundial. Ou seja, os governos têm que ter políticas que estimulem a produção de alimentos e de energia, em cada país, sem depender mais dos outros.
5. Fim de todas as atividades bélicas, guerras entre países e regiões. Retirar todas as tropas de ocupação em todos os países. Desmantelar todas as bases militares estrangeiras em todos os países. Há nesse momento mais de mil bases militares no exterior, especialmente do governo dos Estados Unidos e dos países da Europa.
6. Reconhecer a soberania e a autonomia dos povos, garantindo o direito à autodeterminação sobre seus territórios e riquezas. Sem a ingerência das empresas transnacionais.



7. Garantir a toda a população de nossos países o acesso ao direito à terra, água potável, alimentos, território, emprego, educação, saúde e cultura.
8. Democratizar os meios de comunicação e de informação de nossos países, para que a sociedade os possa controlar, sem objetivo de lucro nem de manipulação.
9. Construir uma nova ordem mundial, com novos organismos internacionais, mais democráticos e representativos do povo, no lugar dos atuais OMC, FMI, Banco Mundial, que devem ser fechados, pois são responsáveis pela crise.
10. Realizar auditorias públicas transparentes com a participação da sociedade de todas as dívidas externas de cada país. E evitar que o pagamento das dívidas seja um mecanismo de espoliação e transferência de riqueza dos pobres para os ricos.
11. Os governos devem aplicar políticas públicas que garantam em primeiro lugar o direito ao emprego, com distribuição de renda a toda a população.
12. Os governos devem garantir a aplicação de políticas públicas que preservem o uso dos recursos naturais (petróleo, minérios, terra, água, biodiversidade, energia) em proveito das necessidades da população.
13. As sementes e os bens da natureza são patrimônio da humanidade e não podem ser privatizados.
14. Os governos devem aplicar novas políticas de transporte público, através de metrô, trens, barcos, bicicletas etc, superando o atual modelo de transporte individual por veículos automotivos.
15. Os governos devem priorizar os investimentos públicos em amplos programas de educação pública e gratuita em todos os níveis, para toda a população.



PROPOSTAS APRESENTADAS AO GOVERNO BRASILEIRO PELOS MOVIMENTOS SOCIAIS DE TODO O BRASIL*

Exmo. Sr. Presidente
Luis Inácio Lula da Silva,
Palácio do Planalto
Brasília

Cumprimentamos o Governo Federal pela iniciativa de ouvir os movimentos sociais e sindicais, populares, pastorais sociais e entidades que atuamos organizando nosso povo, diante do grave quadro de crise que já se faz sentir, e que – tudo leva a crer – se aprofundará sobre nossa economia, nossa sociedade e em especial sobre o povo brasileiro.

Queremos aproveitar essa oportunidade para manifestar nossas propostas concretas que o Governo Federal deve tomar para preservar, sobretudo, os interesses do povo, e não apenas das empresas e do lucro do capital.

O conjunto dessas propostas se insere no espírito geral, de que devemos aproveitar a brecha da crise para mudar a política macroeconômica de natureza neoliberal, e ir construindo um novo modelo de desenvolvimento nacional, baseado em outros parâmetros, sobretudo na distribuição de renda, na geração de emprego e no fortalecimento do mercado interno.

Nossa preocupação fundamental é aproveitar para que nessa mudança se logrem medidas concretas que visem melhorar as condições de vida de nosso povo, garantindo os direitos à educação pública, gratuita, democrática e de qualidade em todos níveis, à moradia digna, ao acesso à cultura e às reformas urbana e agrária.

*Brasília, 18 de novembro de 2008



Infelizmente, a maioria do nosso povo não tem acesso a esses direitos básicos. Sabemos que poderosos interesses dos capitalistas locais, das empresas transnacionais e, sobretudo do sistema financeiro, concentra cada vez mais riqueza, renda, e impedem que nosso povo usufrua da riqueza por ele produzida.

Já estamos cansados de tanta dominação capitalista, e agora assistimos às crises financeiras e à ofensiva dos interesses do império que controla as riquezas naturais, minerais, a água, as sementes, o petróleo, a energia e o resultado de nosso trabalho.

Diante disso, queremos apresentar-lhe algumas propostas concretas para que possamos resolver, de fato, os problemas do povo, e impedir que de novo as grandes empresas transnacionais e os bancos transfiram para o povo o custo da crise:

Propostas de articulações internacionais:

1. Defendemos como resposta à crise o fortalecimento da estratégia de integração regional, que se materializa a partir dos mecanismos como: **MERCOSUL**, **UNASUL** e **ALBA**.
2. Apoiamos medidas como a substituição do dólar nas transações comerciais por moedas locais, como recentemente fizeram Brasil e Argentina, e sugerimos que esta medida deva ser adotada pelo conjunto dos países da América Latina.
3. Defendemos a consolidação o mais rápido possível do **BANCO DO SUL**, como um agente que promova o desenvolvimento regional e que auxilie o crescimento do mercado interno entre os países da América Latina e como um mecanismo de controle de nossas reservas, para impedir a especulação dos bancos, do FMI e dos interesses do capital dos Estados Unidos.
4. Nós afirmamos que a atual crise econômica e financeira é de responsabilidade dos países centrais e dos organismos dirigidos por eles, como a OMC, o Banco Mundial e o



FMI. Defendemos uma nova ordem internacional, que respeite a soberania dos povos e nações.

5. Pedimos vosso empenho e compromisso pela retirada imediata de todas as forças estrangeiras do Haiti. Nenhum país da América Latina deve ter bases e presença militar estrangeira. Propomos, em seu lugar, a constituição de um fundo internacional solidário para reconstrução econômica e social daquele país. Apresentamos também nossa oposição à reativação da Quarta Frota da Marinha de Guerra dos Estados Unidos em águas da América Latina.

Propostas de políticas internas

1. Controlar e reduzir imediatamente as taxas de juros.
2. Impor um rigoroso controle da movimentação do capital financeiro especulativo, instituindo quarentenas e impedindo o livre circular, penalizando com elevados impostos suas ganâncias.
3. Defendemos que todos os governos devem utilizar as riquezas naturais, da energia, do petróleo, dos minérios, para criar fundos solidários para investir na solução definitiva dos problemas do povo, como direito ao emprego, educação, terra e moradia. Para isso, o governo brasileiro precisa cancelar imediatamente o novo leilão do petróleo, marcado para dia 18 de dezembro.
4. O governo federal deve revisar a política de manutenção do superavit primário, que é uma velha e desgastada orientação do FMI – um dos responsáveis pela crise econômica internacional. E devemos usar os recursos do superavit primário para fazer volumosos investimentos governamentais, na construção de transporte público e de moradias populares para a baixa renda, dando assim uma grande valorização à reforma urbana e agrária, incentivando a produção de alimentos pela agricultura familiar e camponesa. É preciso investimentos maciços na construção de escolas, contratação de professores para



universalizar o **acesso à educação de nossos jovens, em todos** os níveis, em escolas públicas, gratuitas e de qualidade.

5. Defendemos que o governo estabeleça metas para a abertura de novos postos de empregos, a partir de um amplo programa de incentivo à geração de empregos formais, em especial entre os jovens. Reajustar imediatamente o salário mínimo e os benefícios da previdência social, como principal forma de distribuição de renda entre os mais pobres.
6. Controlar os preços dos produtos agrícolas pagos aos pequenos agricultores, implantando um massivo programa de garantia de compra de alimentos, através da CONAB. Hoje, as empresas transnacionais que controlam o comércio agrícola estão penalizando os agricultores, reduzindo em 30%, em média, os preços pagos do leite, do milho, dos suínos e das aves. Mas, no supermercado, o preço continua subindo.
7. Revogar a Lei Kandir e voltar a ter imposto sobre as exportações de matérias-primas agrícolas e minerais, para que a população não seja mais penalizada, para estimular sua exportação.
8. O governo federal não pode usar dinheiro público para subsidiar e ajudar a salvar os bancos e empresas especuladoras, que sempre ganharam muito dinheiro e agora, na crise, querem transferir seu ônus para toda a sociedade. Quem sempre defendeu o mercado como seu “deus-regulador”, agora que assuma as consequências dele. Nesse sentido os bancos públicos (BNDES, Caixa Econômica Federal e Banco do Brasil) deveriam estar orientados não para socorrer o grande capital e sim para o benefício de todos os povos.
9. Reduzir a jornada de trabalho, em todo o país e em todos os setores, sem redução de salário, como uma das formas



de aumentar as vagas. E penalizar duramente as empresas que estão demitindo.

- 10.** A mídia permanece concentrada nas mãos de poucos grupos econômicos. Este quadro reforça a difusão de um pensamento único que privilegia o lucro em detrimento das pessoas e exclui a visão dos segmentos sociais e de suas organizações do debate público. Para reverter esta situação e colocar a mídia a serviço da sociedade, é preciso ampliar o controle da população sobre as concessões de rádio e TV, fortalecer a comunicação pública e garantir condições para o funcionamento das rádios comunitárias, acabando com a repressão sobre elas. Por tudo isso, é urgente que o governo federal convoque a Conferência Nacional de Comunicação.
- 11.** Para garantir os territórios e a integridade física e cultural dos povos indígenas e quilombolas como determina a Constituição, o Governo Federal deve continuar demarcando as terras e efetivando a desintração desses territórios em todo o país, sem ceder às crescentes pressões dos setores antiindígenas – tanto políticos, quanto econômicos. Na luta por seus direitos territoriais, os povos indígenas e quilombolas têm enfrentado a violência e a discriminação cada vez mais forte em todo o país. Chamamos especial atenção, neste momento, para a urgência de se demarcar as terras tradicionais do povo indígena Guarani Kaiowá, que vive no Mato Grosso do Sul. Atualmente, eles estão confinados em ínfimas porções de terra e, principalmente por causa disso, há um alto índice de suicídios entre o povo.
- 12.** Realizar a auditoria integral da dívida pública para lançar as bases técnicas e jurídicas para a renegociação soberana do seu montante e do seu pagamento, considerando as dívidas histórica, social e ambiental das quais o povo trabalhador é credor.
- 13.** Defendemos uma reforma política que amplie os espaços de participação do povo nas decisões políticas.



Uma reforma não apenas eleitoral, mas que amplie os instrumentos de democracia direta e participativa.

14. Em tempos de crise, há uma investida predatória sobre os recursos naturais como forma de acumulação fácil e rápida, por isso não podemos aceitar as propostas irresponsáveis de mudanças na legislação ambiental por parte dos representantes do agronegócio, que pretendem reduzir as áreas de reservas legais na Amazônia e as áreas de encosta, topo de morros e várzeas no que resta da Mata Atlântica. Propomos a criação de uma política de preservação e recuperação dos biomas brasileiros.
15. Contra a criminalização da pobreza e dos movimentos sociais. Pelo fim da violência e pelo livre direito de manifestação dos que lutam em defesa dos direitos econômicos, sociais e culturais dos povos.

Esperamos que o governo ajude a desencadear um amplo processo de debate na sociedade, em todos os segmentos sociais, para que o povo brasileiro perceba a gravidade da crise, se mobilize e lute por mudanças.

Atenciosamente,

- *Via Campesina*
- *Assembléia Popular – AP*
- *Coordenação dos Movimentos Sociais – CMS*
- *Grito dos Excluídos Continental*
- *Grito dos Excluídos Brasil*
- *Associação Nacional de Ong's – ABONG*
- *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST*
- *Central Única dos Trabalhadores – CUT*
- *União Nacional dos Estudantes – UNE*
- *Marcha Mundial de Mulheres – MMM*
- *Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil – CTB*
- *Central Geral dos Trabalhadores do Brasil – CGTB*
- *Central de Movimentos Populares – CMP*
- *Associação Brasileira de Imprensa – ABI*
- *Confederação Nacional das Associações de Moradores – CONAM*
- *Caritas Brasileira*



- *CNBB/Pastorais Sociais*
- *Comissão Pastoral da Terra – CPT*
- *Conselho Indigenista Missionário – CIMI*
- *Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA*
- *Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB*
- *Movimento das Mulheres Camponesas – MMC*
- *União Brasileira de Mulheres – UBM*
- *Coordenação Nacional de Entidades Negras – CONEN*
- *Movimento dos Trabalhadores Desempregados – MTD*
- *Movimento Trabalhadores Sem Teto – MTST*
- *União Nacional Moradia Popular – UNMP*
- *Movimento Nacional de Luta por Moradia – MNLM*
- *Ação Cidadania*
- *Conselho Brasileiro de Solidariedade com Povos que Lutam p/ Paz – CEBRAPAZ*
- *Associação Brasileira de Rádios Comunitárias – ABRAÇO*
- *Coletivo Brasil de Comunicação – INTERVOZES*
- *Rede Brasil sobre Instituições Financeiras Multilaterais*
- *Jubileu Sul Brasil*
- *Movimento pela Libertação dos Sem Terras – MLST*
- *União dos Estudantes Secundaristas – UBES*
- *União da Juventude Socialista – UJS*
- *Evangélicos pela Justiça – EPJ*
- *União Nacional de Entidades Negras – UNEGRO*
- *Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil – FEAB*
- *Pastoral da Juventude Rural – PJR*
- *Associação dos Estudantes de Engenharia Florestal – ABEEF*
- *Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino – CONTEE*
- *Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação – CNTE*
- *Confederação Nacional do Ramo Químico – CNQ/CUT*
- *Federação Única dos Petroleiros – FUP*
- *Sindicato Nacional dos Aposentados e Pensionistas – SINTAP/CUT*
- *Associação Nacional de Pós-graduandos – ANPG*
- *Confederação Nacional dos Metalúrgicos – CNM/CUT*
- *Movimento Camponês Popular – MCP*
- *Coor. das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira – COIAB*
- *Conselho Indigenista de Roraima – CIR*
- *Federação dos Trabalhadores Metalúrgicos do Rio Grande do Sul*
- *Ação Franciscana de Ecologia e Solidariedade*
- *Instituto Nacional Estudos Sócio-econômicos - INESC*



Foto: Jesus Carlos / Imagemlatina

VII- DESAFIOS E ENCAMINHAMENTOS

Diante da gravidade da crise aqui descrita nos seus vários aspectos, cabe aos movimentos sociais enormes desafios.

Precisamos contribuir para que o povo brasileiro, debata, se conscientize, se organize e se mobilize, e enfrente a crise, para poder preservar seus direitos e melhorar suas condições de vida. Só o povo pode salvar o povo.

Diante disso, propomos para debate:

1. Não esperar dos governos e dos capitalistas nenhuma solução milagrosa ou falsas promessas. Já sabemos pela história que, em épocas de crise, eles querem é salvar o capital e taxa de lucro.
2. Não ter nenhuma ilusão com os organismos internacionais, como **ONU, OMC, FAO, FMI, BANCO Mundial, G-8, G-20, OEA**, eles estão sempre a serviço do capital.
3. Realizar um amplo mutirão, articulando com todas as formas de organização de nosso povo: sindicatos, associações, movimentos, pastorais, e organizar no nosso



município, bairro e categoria, amplos debates sobre a crise. Podemos usar esta cartilha, vídeos, convidar palestrantes para debater a crise, produzir nossos próprios materiais. Mas precisamos debater, entender o que está acontecendo.

4. Recomendamos que nos debates sempre se tome em conta os vários aspectos como:
 - a) a natureza da crise.
 - b) as consequências para a classe trabalhadora;
 - c) O que fazer para impedir que ela recaia sobre o povo.
5. Estimular o debate sobre as saídas. Que programa de mudanças precisamos para enfrentar a crise e resolver os problemas do povo?
6. Estimular todo tipo de lutas sociais. Não podemos deixar desempregar gente. Não podemos deixar fechar fábricas. Não podemos perder nenhum produto alimentício.
7. Construir uma pauta mínima de reivindicações, em cada setor.
8. Discutir nas nossas bases a possibilidade de realizar uma grande paralisação nacional entre os meses de maio e junho.
9. Discutir como aproveitar as datas históricas da classe trabalhadora 8 de março, 17 de abril, 1º de maio, 12 de outubro etc., para conscientização e mobilização contra a crise.
10. Produzir todo tipo de material didático, como panfletos, programas de rádio, pichação, cartilhas, cartazes, vídeos, para debater a crise em nossa base....
11. Organizar em cada bairro, município ou categoria os **Comitês Populares para enfrentar a crise.**
12. Denunciar as empresas que cometeram algum abuso se aproveitando da crise, seja despedindo trabalhadores, aumentando preços, enviando recursos para o exterior.



13. Exigir dos governos municipal, estadual e federal que assumam a sua responsabilidade para que os recursos públicos sejam em favor do povo, e não das empresas e dos capitalistas. O dinheiro do povo recolhido na forma de imposto não pode mais servir para pagar juros aos bancos e sim devolvido na forma de investimentos na educação, transporte público, saúde, reforma agrária. Os governos devem abandonar a política de geração de superavit primário dos orçamentos públicos para pagar os juros.
14. Realizar todo tipo de atividade de formação de militantes, para aprofundar no debate do entendimento da crise e suas saídas.
15. Promover plenárias populares em cada regional e no Estado, para desencadear todo esse processo.
16. Aproveitar esse mutirão de debates e mobilizações para ir construindo nos municípios, regiões e Estados, as plenárias da **Assembléia Popular**, como espaço unificador de todos os movimentos sociais de nosso povo.

Anexos

1. AMERICANOS FICAM US\$ 16,5 TRILHÕES MAIS POBRES* -

Os norte-americanos estão enfrentando um súbito processo de empobrecimento que já destruiu cerca de US\$ 16,5 trilhões da riqueza disponível entre as famílias nos últimos 15 meses. Os números são do IIF (Instituto de Finanças Internacionais), que reúne 380 grandes bancos, e foram divulgados em antecipação a dados semelhantes a serem publicados pelo Fed (o banco central dos EUA) nos próximos dias.

A informação consta em reportagem de **Fernando Canzian**, repórter especial da **Folha** em Nova York, publicada neste domingo ([íntegra disponível](#) para assinantes do jornal e do UOL).

O valor de US\$ 16,5 tri equivale a mais do que tudo o que os EUA produzem em um ano e a quase 13 PIBs do Brasil. Só de setembro para cá, as famílias ficaram US\$ 9,5 trilhões mais pobres.

O motivo é porque duas das principais fontes de poupança dos norte-americanos, seus imóveis e as aplicações na Bolsa de Valores, estão entre as que mais perderam valor nos últimos meses.

Embora os preços dos imóveis continuem a cair sem parar nos EUA há quase três anos, a velocidade da queda diminuiu nos últimos meses. O impacto maior e direto da “destruição da riqueza” das famílias está concentrado na Bolsa, onde fica a poupança líquida que pode ser sacada a qualquer hora.

* Publicado na no jornal Folha de São Paulo, 08 de março de 2009 - da Folha Online

2. VALOR DOS INVESTIMENTOS DE CAPITALISTAS BRASILEIROS NO EXTERIOR – 2001 A 2007

US\$ Bilhões

| 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 |
|------|------|------|------|-------|-------|-------|
| 68,6 | 72,3 | 82,7 | 93,2 | 111,7 | 152,2 | 155,2 |

A declaração de Capitais Brasileiros no Exterior apurou em sua edição de 2007 totais de ativos de US\$ 155.2 bilhões com os itens Investimento Direto a Partir de 10% (US\$ 75,4 bilhões), Empréstimos Intercompanhia (US\$ 28,5 bilhões), Depósitos (US\$ 22,5 bilhões) e Investimento em Carteira (US\$ 22,1 bilhões) respondendo por 95,7% dos registros totais. O número de declarantes foi de 15.289, sendo 13.473 pessoas físicas e 1.816 pessoas jurídicas. No tocante ao volume de recursos, as pessoas jurídicas responderam por US\$ 123,2 bilhões e as físicas por US\$ 32,0 bilhões. Foram citados 123 países como receptores de capital brasileiro nesta apuração.

Fonte: Banco Central do Brasil



3. PRECISA-SE DE US\$ 700 BI. BIRD ALERTA QUE EMERGENTES TERÃO DÉFICIT DE FINANCIAMENTO E PREVÊ 1ª RETRAÇÃO DO PÓS-GUERRA

Os países emergentes vão enfrentar um déficit comercial de até US\$ 700 bilhões este ano e não terão em financiamentos para pagar suas importações e honrar suas dívidas, devido à retração da economia e ao aperto no crédito, afirmou ontem o Banco Mundial (Bird). A instituição também afirmou que a economia global vai registrar sua primeira retração desde a Segunda Guerra Mundial, com um crescimento pelo menos cinco pontos percentuais abaixo de seu potencial. Segundo o “New York Times”, é a pior estimativa já feita: até os mais pessimistas ainda esperam uma pequena expansão este ano.

Não há um número: segundo economistas do banco, ele deve ser divulgado nas próximas semanas. Reforçando o temor de retração, o Japão divulgou ontem à noite um déficit recorde em sua conta corrente, o primeiro em 13 anos. O déficit foi de 172,8 bilhões de ienes (US\$ 1,8 bilhão) em janeiro. As exportações despencaram 46% e as importações, 32%.

O relatório foi preparado para o encontro, no fim de semana, em Londres, dos ministros de Finanças e presidentes de bancos centrais do G-20 (que reúne os países mais ricos e os grandes emergentes), prévio ao dos líderes do bloco, em 2 de abril.

O Bird afirmou que a crise detonada pelas hipotecas de alto risco nos Estados Unidos espalhou-se rapidamente pelo sistema financeiro global, com a consequente retração do crédito. “Em nenhum lugar o impacto da crise financeira é mais evidente que nos mercados de capital globais dos quais dependem as economias emergentes” — nas quais se incluem Brasil, Rússia, Índia e China.

O banco estima que, este ano, 104 das 129 nações em desenvolvimento não terão superávit suficiente para honrar seus compromissos externos.

Eles devem ter precisar de US\$ 1,4 trilhão. Já as necessidades de financiamento externo devem superar as fontes privadas em 98 desses 104 países, o que implica um déficit financeiro de cerca de US\$ 268 bilhões. Se a fuga de capitais continuar, afirmou o Bird, o déficit chegará a US\$ 700 bilhões

Parte de estímulo deve ir para pobres

“Precisamos reagir em tempo real a uma crise que está se expandindo e prejudicando pessoas nos países em desenvolvimento”, afirmou em comunicado o presidente do Bird, Robert Zoellick. Ele acrescentou que a crise global demanda uma solução global e que é necessário “investir em redes sociais, infraestrutura e pequenas e médias empresas, para criar empregos e evitar inquietação política e social”.

O Bird também alertou que o comércio mundial deve ter a primeira queda desde 1982 e o maior recuo em 80 anos. A região mais afetada será a Ásia. O relatório lembra que, na Índia, 500 mil vagas nos setores voltados à exportação foram fechadas no último trimestre de 2008. Na China, há 20 milhões de desempregados. O banco prevê ainda que a produção industrial caia 15% este ano frente a 2008.



O Bird ressaltou ainda que 94 dos 116 países em desenvolvimento já registraram desaceleração do crescimento, com aumento da pobreza em 43 deles. O resultado é uma maior dependência de ajuda externa. Justin Lin, economista-chefe do banco, disse que os países ricos deveriam direcionar parte de seus pacotes de estímulo às nações mais pobres, o que seria mais eficaz para gerar demanda. Segundo Lin, investir em infraestrutura nos emergentes daria um retorno melhor.

Fonte: O Globo 9 de março de 2009

4. PREVI DOS BANCÁRIOS TEM PERDA DE R\$ 26,6 BILHÕES EM 2008

Perdas totais do fundo chegaram a R\$ 26,6 bilhões em 2008, reduzindo à metade o superávit de 2007

Um dos maiores investidores do País em capital de empresas, a Previ, fundo de pensão dos funcionários do Banco do Brasil, viu seu superávit se reduzir à metade em 2008, na esteira da crise financeira. O saldo positivo de R\$ 52 bilhões de 2007 caiu para R\$ 26,3 bilhões em função principalmente das fortes perdas na Bolsa de Valores de São Paulo. Sérgio Rosa, presidente do fundo, acredita que 2009 será um ano ainda mais “difícil” para a tomada de decisão de investir ou desinvestir, por causa do alto grau de incerteza sobre o rumo da economia mundial.

5. CRISE TIRA US\$ 2 TRILHÕES DA FORTUNA DOS BILIONÁRIOS

Com US\$ 18 bilhões a menos, Bill Gates voltou ao posto de mais rico do mundo

Reuters

Bill Gates, cofundador da Microsoft, ultrapassou o investidor Warren Buffet e voltou a ser o homem mais rico do mundo, segundo a lista da Forbes, divulgada ontem. A crise financeira global fez com que a fortuna dos bilionários diminuísse US\$ 2 trilhões. O total de bilionários caiu pela primeira vez desde 2003, passando de 1.125 para 793. Os países que mais perderam nomes na lista foram a Rússia, a Índia e a Turquia.

Gates reconquistou a primeira posição com uma fortuna pessoal de US\$ 40 bilhões. No ano anterior, ele tinha ficado em terceiro, com US\$ 58 bilhões. Buffett, que ocupava o primeiro lugar no ano passado, ficou em segundo, passando de uma fortuna de US\$ 62 bilhões para US\$ 37 bilhões. Carlos Slim, empresário mexicano das telecomunicações, que é dono da Embratel e da Claro no Brasil, perdeu US\$ 25 bilhões, ficando com US\$ 35 bilhões e passando do segundo para o terceiro lugar.



Juntos, os três bilionários perderam US\$ 68 bilhões, na medição anual encerrada em 23 de fevereiro. Steve Forbes, presidente da Forbes Magazines, afirmou que, apesar de poucos derrubarem lágrimas pelo destino de um bilionário, é ruim para a economia quando os empreendedores enfrentam problemas.

“Os bilionários não precisam se preocupar com sua próxima refeição, mas se sua riqueza está diminuindo e não estamos criando vários novos bilionários, isso quer dizer que o resto do mundo não está indo muito bem”, explicou Forbes. “O bilionário típico perdeu um terço de sua fortuna.” A riqueza dos bilionários em todo o mundo passou de US\$ 4,4 trilhões para US\$ 2,4 trilhões.

Nova York ultrapassou Moscou como a cidade que abriga mais bilionários no mundo, com 55. Na Rússia, o total de bilionários caiu de 87 para 32.

O empresário indiano Anil Ambani, que havia sido o maior ganhador na lista do ano passado, foi quem mais perdeu dinheiro este ano, ficando US\$ 32 bilhões menos rico nos últimos 12 meses. Ambani estava em sexto na última lista e ficou na 34ª posição este ano, com fortuna estimada em US\$ 10,1 bilhões.

Dos bilionários listados este ano, 656 perderam dinheiro, 52 ficaram na mesma e somente 44 conseguiram aumentar a fortuna. O único entre os 20 mais ricos que não ficou menos rico foi Michael Bloomberg, prefeito de Nova York, que viu sua fortuna pessoal subir de US\$ 11,5 bilhões para US\$ 16 bilhões, por causa da reavaliação de sua empresa de comunicação Bloomberg LP. Ele se tornou o homem mais rico de Nova York, passando da 65ª para a 17ª posição no ranking global da Forbes.

6. EIKE BATISTA É O BRASILEIRO MAIS RICO

Empresário está na 61.ª posição na lista da Forbes, com US\$ 7,5 bilhões

O empresário Eike Batista - que há pouco mais de um ano se dizia o “homem mais rico do Brasil” - alcançou finalmente a posição do brasileiro mais bem colocado na lista elaborada pela revista Forbes. O empresário pulou do 142º para o 61º lugar no ranking divulgado anualmente pela revista americana. Sua fortuna pessoal, que na relação do ano passado estava calculada em US\$ 6,6 bilhões, pulou para US\$ 7,5 bilhões.

O empresário é seguido pelo banqueiro Joseph Safra, do Banco Safra, que, mesmo tendo perdido US\$ 1,8 bilhão desde a relação do ano passado, conseguiu subir da 101ª para a 62ª colocação. Sua fortuna caiu de US\$ 8,8 bilhões para US\$ 7 bilhões.

Jorge Paulo Lemann, um dos controladores da InBev, saiu do 172º lugar para o 92º, apesar de ter perdido meio bilhão. Sua fortuna caiu de US\$ 5,8 bilhões para US\$ 5,3 bilhões. O último brasileiro a aparecer entre os 200 mais ricos na relação da Forbes é o banqueiro Aloysio Faria, do Grupo Alfa. Ele aparece no 196º lugar, com US\$ 3,1 bilhões.



Outros nove brasileiros estão presentes na lista completa, que este ano traz 793 pessoas com fortuna igual ou superior a US\$ 1 bilhão. A família Steinbruch, representada por Dorothea Steinbruch, é dona de uma fortuna de US\$ 3 bilhões e ocupa o 205º lugar. Pouco abaixo, na 224ª colocação, está o industrial Antonio Ermírio de Moraes e família, do grupo Votorantim, com uma fortuna de US\$ 2,8 bilhões.

Companheiros de Lemann na InBev, Marcel Telles e Carlos Alberto Sicupira também figuram na lista, com um patrimônio pessoal de US\$ 2,4 bilhões e US\$ 2,1 bilhões, respectivamente. Empatado com Sicupira (na 318ª posição) está o banqueiro Moise Safra, irmão de Joseph.

O empresário Abílio Diniz, do Pão de Açúcar, também aparece na lista, com uma fortuna pessoal de US\$ 1,5 bilhão (468ª posição). Os donos da Natura, Guilherme Peirão Leal e Antonio Luiz Seabra, estão empatados na 601ª colocação, com US\$ 1,2 bilhão cada. O último bilionário brasileiro da lista é Julio Bozano, com US\$ 1,1 bilhão (647º lugar).

7. OS BRASILEIROS NA LISTA

- Eike Batista: US\$ 7,5 bilhões (61.º no ranking)
- Joseph Safra: US\$ 7 bilhões (62.º)
- Jorge Paulo Lemann: US\$ 5,4 bilhões (92.º)
- Aloysio de Andrade Faria: US\$ 3,1 bilhões (196.º)
- Dorothea Steinbruch e família: US\$ 3 bilhões (205.ª)
- Antonio Ermírio de Moraes e família: US\$ 2,8 bilhões (224.º)
- Marcel Hermann Telles: US\$ 2,4 bilhões (285.º)
- Moise Safra: US\$ 2,1 bilhões (318.º)
- Carlos Alberto Sicupira: US\$ 2,1 bilhões (318.º)
- Abilio dos Santos Diniz: US\$ 1,5 bilhão (468.º)
- Guilherme Peirão Leal: US\$ 1,2 bilhão (601.º)
- Antonio Luiz Seabra: US\$ 1,2 bilhão (601.º)
- Julio Bozano: US\$ 1,1 bilhão (647.º)

Fontes: jornal *O Estado de São Paulo* 12 de março 2009



8. O BRASIL É O PAÍS DO MUNDO AONDE SE PAGAM AS MAIS ALTAS TAXAS DE JUROS

As taxas de juros são a principal forma como o capital financeiro se apropria das riquezas produzidas na sociedade. A riqueza real é produzida pelo trabalho, na esfera da produção industrial, agrícola e no comércio. Depois de produzida os capitalistas e os consumidores se obrigam a dividir seu valor com os banqueiros ao ter que pagar juros. Ou sejam, transferem parte do valor aos Bancos.

No Brasil o mecanismo principal dessa transferência é o pagamento dos juros realizado pelo Governo Federal, através do Tesouro Nacional. Ele recolhe o dinheiro (valor) de todas as pessoas ao pagarem os impostos, e depois repassa aos banqueiros na forma de pagamento de juros da dívida interna.

A taxa de juro mínima que o governo se compromete a pagar por ano, é estabelecida pelo Banco Central, a chamada TAXA SELIC. Na época do Governo Fernando Henrique Cardoso, a taxa selic chegou a estar em 39% ao ano, em 1999.

Durante o governo Lula a taxa selic variou ao redor de 15 a 20% ao ano.

Em março o Banco central resolveu baixar para 11,25% ao ano. O fato de baixar num mês em 1,5%, representou uma “economia” de 7,7 bilhões de reais, que o próprio governo deixara de pagar aos banqueiros. Então todos se perguntam. Porque o governo fixa uma taxa de juros tão onerosa, que ele mesmo vai ter que pagar aos banqueiros?

São as influências dos banqueiros no Governo, através do Presidente do Banco central, o sr. Meirelles, que antes era presidente do Bank de Boston, o principal credor da dívida interna brasileira.

E assim, o governo tem transferido ao redor de 180 bilhões de reais por ano, no pagamento de juros aos banqueiros. Os banqueiros repassam os títulos e crédito, também a outros capitalistas. Mas cálculos do IPEA revelam que não são mais do que 15 mil pessoas, as que se beneficiam do recebimento de juros do governo.

Por outro lado, além da taxa selic paga pelo Governo, que é o mínimo, e garantida, o mais grave são a **taxa média de juros paga pelos comerciantes e industriais** quando vão aos bancos: 64% ao ano.

Taxa média de juros paga pelos consumidores, no cartão de crédito ou cheque especial: 144% ao ano.

Todas essas taxas são as maiores do mundo.

Abaixo pode-se ver a tabela da taxa média de juros praticadas em alguns países do mundo. Pode-se ver que o governo brasileiro é o que paga as mais altas taxas. Sendo que a maioria dos países a taxa é próxima a zero ou negativa. Na tabela a taxa do Brasil aparece como 6,5% e não 11,25% porque já é descontada a inflação, e portanto se refere a taxa de juros reais.

**TAXAS REAIS DE JUROS PRATICADAS PELOS BANCOS CENTRAIS NOS PRINCIPAIS
PAÍSES CAPITALISTAS DO MUNDO**

| | | | |
|------------------|-------------|----------------------|-------|
| 1. Brasil | 6,5% | 21. Itália | -0,1% |
| 2. Hungria | 6,2% | 22. Grécia | -0,3% |
| 3. Argentina | 4,3% | 23. Suécia | -0,3% |
| 4. China | 4,3% | 24. Canadá | -0,3% |
| 5. Turquia | 3,5% | 25. Bélgica | -0,4% |
| 6. Taiwan | 2,6% | 26. Austrália | -0,4% |
| 7. Colômbia | 2,4% | 27. República Tcheca | -0,4% |
| 8. África do Sul | 2,2% | 28. Holanda | -0,5% |
| 9. Tailândia | 1,6% | 29. Chile | -0,7% |
| 10. Portugal | 1,3% | 30. Indonésia | -0,8% |
| 11. México | 1,1% | 31. Rússia | -0,8% |
| 12. Polônia | 0,9% | 32. Malásia | -1,8% |
| 13. França | 0,8% | 33. Coréia do Sul | -2,0% |
| 14. Espanha | 0,7% | 34. Israel | -2,2% |
| 15. Alemanha | 0,5% | 35. Filipinas | -2,4% |
| 16. Áustria | 0,3% | 36. Inglaterra | -2,4% |
| 17. Suíça | 0,3% | 37. Hong Kong | -2,5% |
| 18. EUA | 0,2% | 38. Cingapura | -2,7% |
| 19. Dinamarca | 0,2% | 39. Índia | -4,0% |
| 20. Japão | 0,1% | 40. Venezuela | -9,6% |

Fontes: Jornais brasileiros de 12 de março, e Agência United Press.



FILMES QUE PODEM AJUDAR A ENTENDER E DEBATER A CRISE

1. **Germinal.** FR, 1995. Dir. Claude Berri. Dur. 155 min.

“Germinal” refere-se ao processo de gestação e maturação de movimentos grevistas e de uma atitude mais ofensiva por parte dos trabalhadores das minas de carvão do século XIX na França em relação à exploração de seus patrões; nesse período alguns países passavam a integrar o seletivo conjunto de nações industrializadas ao lado da pioneira Inglaterra, entre os quais a França, palco das ações descritas no romance e representadas no filme.

Vilipendiado, roubado, esgotado, trabalhando em condições totalmente impróprias, inseguro, sujeito a acidentes que podem ceifar-lhe a vida ou decepar-lhe um braço ou uma perna, assim nos é mostrado o proletariado francês nas telas. Inserido na escuridão das minas de carvão, sujo, cumprindo jornadas de 14, 15 ou 16 horas, recebendo salários baixíssimos e tendo que ver sua família toda se encaminhar para o mesmo tipo de trabalho e péssimas condições, pouco resta aos trabalhadores senão a luta contra aqueles que os oprimem.

2. **A noite dos desesperados.** EUA, 1969. Dir. Sidney Pollack. Dur. 120 minutos.

Em 1929, em plena depressão americana, uma desumana maratona de dança premiava o casal que resistisse por mais tempo na pista, mesmo que isso representasse a morte para o vencedor.

3. **As vinhas da ira.** EUA. 1940. Dir: John Ford. Dur. 129 minutos.

Baseado no romance homônimo de John Steinbeck, “As Vinhas da Ira” é um clássico tanto cinematográfico como literário sobre a América da Depressão, com os problemas de desemprego, miséria e exclusão social que lhe estão associados.

4. **Wall Street.** EUA, 1985. Dir. Oliver Stone. Dur. 124 minutos.

Um jovem e ambicioso corretor trabalha no mercado de ações consegue falar com um inescrupuloso bilionário, e para ter atenção lhe fala o que seu pai, líder sindical, tinha lhe dito que a companhia aérea para a qual trabalha ganhou um importante processo. Esta informação não foi ainda divulgada oficialmente, mas quando isto acontecer as ações terão uma significativa alta. Abandonando qualquer escrúpulo, ética e meios lícitos, faz de tudo para enriquecer, obter sucesso, etc.

5. **Tempos Modernos.** EUA, 1936. Dir. Charles Chaplin. Dur. 87 minutos

Durante a depressão dos anos 30, Carlitos torna-se operário em uma grande indústria. Líder grevista por acaso, apaixonado por uma jovem órfã. Obra prima com a qual Chaplin critica a industrialização selvagem, o descaso com os deserdados da vida em geral e os operários em especial.

6. **1900.** ITA-FRA-ALE, 1977. Dir. Bernardo Bertolucci. Dur. 243min



Dois jovens italianos, um camponês e um herdeiro de latifundiários, seguem rumos diferentes durante a I Grande Guerra. Mais tarde, ao se reencontrarem, durante a ascensão do fascismo, descobrem que a amizade não é mais possível.

A primeira metade do século XX foi avassaladora para a história da humanidade. Em menos de 50 anos o mundo viveu a Primeira Guerra Mundial, a Crise de 1929, a criação do primeiro Estado socialista, o totalitarismo nazifascista, além da Segunda Guerra Mundial que deixou um saldo de 50 milhões de mortos entre 1939 e 1945.

7. O Corte. BEL/FRA/ESP, 2005. Dir. Costa Gravas. Dur. 122 min.

Após quinze anos de leais serviços como executivos de uma fábrica de papel, Bruno D. é despedido com centenas dos seus colegas devido a corte de despesas. Três anos se passam sem que ele encontre um novo emprego, ele descobre uma solução para eliminar a concorrência no mercado de trabalho. Agora ele está disposto a tudo para conseguir um novo posto.

8. Ilha das Flores. Brasil. 1989. Direção: Jorge Furtado. Duração de 13 minutos (tem na net);

Considerado um dos melhores documentários em curta-metragem do cinema brasileiro, o filme fala sobre a pobreza do povo brasileiro de forma única e irônica, através da Ilha das Flores, que serve como depósito de comida que a classe média não consome e banquete para os necessitados.

9. Eles não usam black-tie. BR, 1981. Dir. Leon Hirszman. Dur. 120 min.

Baseado em obra de Gianfrancesco Guarnieri. Em São Paulo, em 1980, eclode um movimento grevista que divide a categoria metalúrgica. Preocupado com o casamento e temendo perder o emprego, Tião fura a greve, entrando em conflito com o pai, Otávio, um velho militante sindical que passou três anos na cadeia durante o regime militar.

Nascido sob outro signo, do Brasil desenvolvimentista, não vê muito sentido nos valores da solidariedade de classe defendidos pelo pai. Para ele, a política sindical é a causa da miséria da família: já levou seu pai à prisão e não quer para si esse tipo de vida. A greve, a violência a repressão mais uma vez ressoam na modesta casa de Otávio.

10. O homem que virou suco. BR, 1980. Dir. João Batista de Andrade. Dur. 94 min.

Deraldo, poeta popular recém chegado do nordeste a São Paulo, sobrevivendo de suas poesias e folhetos é confundido com o operário de uma multinacional que mata o patrão na festa que recebe o título de operário símbolo. O filme aborda a resistência do poeta diante de uma sociedade opressora, esmagando o homem dia-a-dia, eliminando suas raízes.

11. Pão e rosas. ING, 2000. Dir. Ken Loach. Dur. 110 min

Duas irmãs mexicanas trabalham no serviço de limpeza de um prédio comercial no centro da cidade, que passam a se organizar para lutar por



direitos e enfrentando os padrões. A luta ameaça seu sustento, a família e faz com que corram o risco de serem expulsas do país (EUA).

- 12. Segunda-feira ao sol.** ESP, 2002. Dir. Fernando Leon de Aranoa. Dur. 113 min.

Um grupo de amigos desempregados encontram-se diariamente para afogar as mágoas, reclamar da situação social do país, e em comum têm o fato de todos serem vítimas do desemprego que assolou a cidade (MADRI) em razão do fechamento de um estaleiro, e a falta de perspectivas que lhes atingiu diante da nova realidade.

- 13. A Corporação.** CAN, 2004. Dir. Mark Achbar/Jennifer Abbott. Dur. 145 min.

Documentário americano, com 40 entrevistas, incluindo presidentes de diversas corporações, espiões corporativos e críticos como Noam Chomsky, Michael Moore, Naomi Klein, Milton Friedman e Vandana Shiva, mostrando como as corporações se tornaram a instituição dominante e o que está sendo feito para reverter esta situação.

- 14. Linha de montagem.** BRA, 1980. Dir. Renato Tapajós. Dur. 95 min.

Os trabalhadores de São Bernardo do Campo, cidade moldada pela industrialização, estão descontentes com seus salários e a baixa qualidade de vida e resolvem parar as máquinas. É a época da explosão, em São Bernardo e São Paulo, do movimento grevista de 1978-79. Esses trabalhadores darão início às grandes greves e ao renascimento do movimento sindical brasileiro. No comando das paralisações aparece o Sindicato dos Metalúrgicos e surge Luiz Inácio Lula da Silva como grande articulador e líder no panorama sindical.

O documentário mostra a força da classe trabalhadora ainda no final da Ditadura Militar, as grandes assembleias da Vila Euclides, reuniões, depoimentos e a intervenção federal que o Sindicato dos Trabalhadores sofreu na época.

- 15. Roger e Eu.** EUA, 1989. Dir. Michael Moore

Em 1989, debutou com louvor nas telas com Roger e Eu, uma pérola do cinema independente. Moore, como um incansável e inabalável rolo compressor, tentou o que todo trabalhador sempre sonhou em fazer: falar com quem manda. A cidade de Flint, no estado de Michigan, EUA, sempre girou em torno do parque industrial da General Motors, lá instalado. Por isso, a decisão de empresa de remover a fábrica de lá, em meados da década de 80, trouxe desemprego e pobreza a região. A jornada de Moore, cidadão de Flint, para encontrar o presidente de GM, Roger Smith e convencê-lo a visitar a cidade criou um filme bem humorado, ácido e devastador, Roger e Eu ironiza e América corporativa de maneira aguda e "cotovelar.

- 16. Sicko.** EUA, 2007. Dir. Michael Moore. Dur. 113 min.

O documentarista Michael Moore critica o sistema norte-americano de convênios médicos particulares por meio de histórias e estatísticas, como



de cidadãos que tiveram tratamentos médicos negados ou foram forçados a declarar falência para poder pagar por eles. O documentário também faz comparações com o sistema de saúde de outros países e gerou polêmica antes de ser lançado, já que Moore e sua equipe de filmagem viajaram à Cuba para retratar o sistema de saúde da ilha, e por isso estão sendo processados pelo governo (os americanos só podem viajar à Cuba com permissões especiais das autoridades). Alguns críticos já declararam que este é o melhor filme de Moore.

LIVROS QUE PODEM AJUDAR A DEBATER O TEMA

1. Trabalho assalariado e capital & Salário, preço e lucro – Autor: Karl Marx. Número de páginas: 144. Ed. Expressão Popular
2. Contribuição à crítica da economia política – Autor: Karl Marx. Número de páginas: 288. Ed. Expressão Popular
3. A globalização e o capitalismo contemporâneo – Autor: Edmilson Costa. Número de páginas: 216. Ed. Expressão Popular
4. Ruy Mauro Marini – Vida e obra – Organizadores: Roberta Traspadini e João Pedro Stedile. Número de páginas: 304. Ed. Expressão Popular
5. A Economia política do Governo Lula – Autor: Reinaldo Gonçalves e Luiz Filgueiras. Número de páginas: 254. Editora Contraponto.
6. A Opção brasileira – Autores: César Benjamin e outros. Número de páginas: 208. Ed. Contraponto.
7. Visões da crise – Autores: Celso Furtado, Milton Santos e outros. Número de páginas: 200. Ed. Contraponto.

Você pode pesquisar outros livros nas página da:

Editora Expressão Popular - www.expressaopopular.com.br,

e em editoras de esquerda e progressistas, como:

- *Editora Boitempo*
- *Editora Contraponto*
- *Editora Anita Garibaldi*
- *Editora Global*
- *Editora da Fundação Perseu Abramo*



09 PARA DEBATER A CRISE







20 PARA DEBATER A CRISE







CARTILHA DA ASSEMBLÉIA POPULAR

